

Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior



CICLO DE CONCERTOS  
COM PRELÚDIOS CIENTÍFICOS

De 10 a 24 de novembro de 2020

Comemorações dos 25 anos da criação do Ministério  
da Ciência e Tecnologia em Portugal, 1995–2020



# tempo

na  
música  
e na  
ciência

CICLO DE CONCERTOS  
COM PRELÚDIOS CIENTÍFICOS

Comissário: **Filipe Pinto-Ribeiro**

De 10 a 24 de novembro de 2020

Comemorações dos 25 anos  
da criação do Ministério da Ciência  
e Tecnologia em Portugal, 1995-2020

[www.ciencia25anos.pt](http://www.ciencia25anos.pt)

Produção: DSCH Associação Musical



25

Ciência é rigor.

25 ANOS  
A PROMOVER  
CONHECIMENTO  
1995-2020

Parceiros institucionais:



Apoio:



## O TEMPO na MÚSICA e na CIÊNCIA

10 de novembro de 2020  
Cinema São Jorge  
Lisboa

**“Beethoven e Mussorgsky:  
A (in)temporalidade da Música”**  
Prelúdio Científico:  
“O Tempo na Física”

DIA MUNDIAL DA CIÊNCIA  
AO SERVIÇO DA PAZ  
E DO DESENVOLVIMENTO

19 de novembro de 2020  
Teatro Académico de Gil Vicente  
Coimbra

**“Schubert, Debussy e Messiaen:  
O Princípio e o Fim do Tempo”**  
Prelúdio Científico:  
“O Tempo na Economia”

24 de novembro de 2020  
Mosteiro de São Bento da Vitória  
Porto

**“Vivaldi e Mozart:  
O Tempo das Estações”**  
Prelúdio Científico:  
“O Tempo na Biodiversidade”

DIA NACIONAL DA  
CULTURA CIENTÍFICA

O “Tempo”, tema universal, tema fascinante e amplo, tema científico e artístico. A lista dos seus significados é interminável, desde a sua medição às variadíssimas palavras relacionadas com a passagem do tempo. A noção de “Tempo” invade muitas áreas, em muitas formas: Física, Biologia, Sociologia, Economia, Matemática, História, Literatura, Química, Filosofia...

Nas Artes, desde tempos remotos, o “tempo” da alternância das estações do ano fascina e inspira o espírito criativo humano. As “Quatro Estações” de Vivaldi são com certeza a obra musical mais famosa dedicada a este tema, mas é igualmente inescrutável a oratória “As Estações” de Haydn, bem como os retratos alegóricos das estações pintados por Arcimboldo com frutas e vegetais ou ainda os ciclos sobre estações compostos por Tchaikovsky, Piazzolla e, mais recentemente, por Eurico Carrapatoso.

Para a comemoração dos 25 anos da criação do Ministério da Ciência e Tecnologia em Portugal, apresenta-se um ciclo de concertos sobre o “Tempo”, com “Prelúdios Científicos” dedicados a diferentes áreas do saber, um cruzamento entre a Música e as Ciências,

com o intuito de estabelecer simbioses criativas e de estimular a capacidade de reflexão e de espírito crítico, tendo em vista o enriquecimento cultural e científico de públicos cada vez mais vastos e heterogêneos.

Para além das icónicas “Quatro Estações” de Vivaldi, este ciclo de concertos apresenta várias obras-primas da História da Música, relacionadas com a temática do “Tempo”: a célebre Sonata “Appassionata” de Beethoven, exemplo absoluto do conceito de intemporalidade na Música que levou o prémio Nobel Romain Rolland a descrever a sua imparável força retórica como “um caudal de fogo num leito de granito”; “Quadros de uma Exposição” de Mussorgsky, monumento musical na forma de um passeio imaginário por uma exposição de obras de um grande amigo de Mussorgsky, Viktor Hartmann, falecido subitamente com apenas 39 anos; duas obras relacionadas com o universo da noite e o seu carácter de suspensão melancólica do tempo, o Trio “Notturmo” de Schubert e a famosa Serenata n.º 13 de Mozart intitulada “Pequena Música Noturna”; o “Quarteto para o Fim do Tempo” de Messiaen, uma das obras mais icónicas do século XX, composta e estreada num campo nazi de prisioneiros, tendo como pano de fundo os horrores e tragédias da 2.ª Grande Guerra Mundial e a esperança de ultrapassar esse “tempo” apocalíptico.

O poema que serve de epígrafe a esta introdução foi escrito no séc. XIII pelo mestre zen budista Eihei Dogen. Na simplicidade aparente, mas expressiva, com que descreve a beleza das estações do ano, Dogen liga-nos à essência de elementos que se sucedem ao ritmo das estações. Dogen deu o título de “Espírito Inato” ao seu poema, um espírito de contemplação, descoberta e partilha do “tempo” que inspira este ciclo de concertos.

**“Na primavera, flores de  
cerejeira, no verão, o cuco.  
No outono, a lua, e no  
inverno, a neve, clara, fria”  
Eihei Dogen (1200-1253)**

Filipe Pinto-Ribeiro

10 de novembro de 2020  
**Cinema São Jorge, Lisboa**

DIA MUNDIAL DA CIÊNCIA  
 AO SERVIÇO DA PAZ  
 E DO DESENVOLVIMENTO

**“Beethoven e Mussorgsky:  
 A (in)temporalidade da Música”**

Filipe Pinto-Ribeiro Piano

Prelúdio Científico: **“O Tempo na Física”**  
 Vítor Cardoso Centro de Astrofísica  
 e Gravitação (CENTRA) do Departamento  
 de Física do Instituto Superior Técnico

**Programa**

**Ludwig van Beethoven (1770–1827):  
 Sonata N.º 23 Opus 57 “Appassionata”**

1. Allegro assai
2. Andante con moto
3. Allegro ma non troppo

**Modest Mussorgsky (1839–1881):  
 “Quadros de uma Exposição”**

- Passeio / Promenade
1. Gnomo
  2. O velho castelo
  3. O jardim de Tuilleries  
 (Disputa entre crianças depois de brincar)
  4. Gado bovino

5. O bailado dos pintaínhos dentro das suas cascas
6. Judeu rico e judeu pobre  
 Passeio / Promenade
7. O mercado de Limoges (A grande notícia)
8. Catacumbas, sepulcro romano
9. A cabana de Baba-lagá
10. As grandes portas  
 (Na capital da Antiga Rússia, Kiev)

A Sonata ‘Appassionata’ (o título, apócrifo, foi dado por um editor de Hamburgo em 1838 e impôs-se) é uma das mais famosas sonatas de Beethoven e obra que o próprio considerava das suas melhores criações. Mas não foi sempre assim: em vida dele, nunca foi tocada em público e a primeira execução pública de que há notícia data de 2 de Fevereiro de 1832, quase cinco anos após a morte do compositor, no Musikverein de Viena, pela jovem (22 anos) pianista Fanny Sallamon (ou Salomon), aluna de Joseph Czerny<sup>1</sup>. Mas ainda esse evento seria insuficiente para resgatar a obra para o repertório corrente: seria preciso esperar por Clara Wieck<sup>2</sup>: depois de a tocar em Berlim, em 1837, Clara viaja para a Viena de Beethoven e ali, a 7 de Janeiro de 1838, a jovem de apenas 18 anos toca a sonata em público, causando uma sensação tal que o poeta Franz Grillparzer, autor do elogio fúnebre de Beethoven uma década antes, escreveu “da noite para o dia” um poema-ode celebrando a intérprete e o autor!

Concebida desde 1804, escrita em 1805, terminada em 1806, editada em 1807, esta Sonata constitui outrossim um documento da importância que têm os instrumentos para os compositores. Numa época de rápida evolução tecnológica na construção de pianofortes (os antepassados directos do moderno piano de concerto), esta obra atesta das possibilidades criativas “oferecidas” a Beethoven pelo pianoforte francês Érard (com mecânica réplica dos ingleses Broadwood) que adquiriu em Agosto de 1803. A “escala” da sua exploração é dada pelo facto de 78% das cordas originais desse pianoforte se terem partido!

Por vezes, são precisas metamorfoses para uma obra se tornar conhecida. No caso dos ‘Quadros de uma Exposição’, tal passou decisivamente pela encomenda que, em 1922, o maestro Serge Koussevitzky fez a Maurice Ravel de orquestrar a partitura original de Modest Mussorgsky. O trabalho de Ravel foi de tal modo genial que não só

essa versão é hoje um “clássico” do repertório orquestral, como ela própria despertou os pianistas para a versão para piano solo, só a partir daí ela se firmando em definitivo no repertório.

Composta como homenagem fúnebre ao seu amigo pintor Viktor Hartmann (também arquitecto e escultor), os ‘Quadros’ efectuam um circuito imaginário por uma galeria onde estariam expostas criações de Hartmann, identificadas pelos títulos das secções da obra – recriando quiçá Mussorgsky a sua própria experiência, quando visitou uma exposição póstuma dedicada a Hartmann em São Petersburgo. Funcionando como elo de ligação, escuta-se um breve ‘intermezzo’ a que se chamou ‘Promenade’ e que pretende preencher o tempo que o visitante demoraria de um quadro para o próximo, ou de uma sala para a seguinte.

Exemplo lídimo da ‘música programática’ (i.e., cuja inspiração é literária ou pictórica), os ‘Quadros’ constituem também, pelos contrastes de escrita que apresentam e exigências que colocam, uma bela súpula das possibilidades do piano e um estimulante desafio às capacidades do intérprete. Tal como a ‘Appassionata’, afinal!

**Bernardo Mariano**

*Musicólogo*

*Escola Superior de Artes*

*Aplicadas do Instituto*

*Politécnico de Castelo Branco*

**Notas de rodapé:**

1 – **Joseph Czerny** (1785–1831),

pedagogo de piano, não

aparentado com Carl Czerny

2 – **Clara Wieck** (1819–1896)

casará com Robert Schumann

em Setembro de 1840

19 de novembro de 2020

**Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra**

**“Schubert, Debussy e Messiaen:  
O Princípio e o Fim do Tempo”**

**DSCH – Schostakovich Ensemble**

**Pascal Moraguès Clarinete**

**Liza Ferschtman Violino**

**Christian Poltéra Violoncelo**

**Filipe Pinto-Ribeiro Piano**

Prelúdio Científico: **“O Tempo na Economia”**

**Álvaro Garrido** Faculdade de Economia  
da Universidade de Coimbra

**Programa**

**Franz Schubert (1797-1828):**

**Trio com Piano “Notturmo” D. 897**

**Claude Debussy (1862-1918):**

**“Primeira Rapsódia”, para Clarinete e Piano**

**Olivier Messiaen (1908-1992):**

**“Quarteto para o Fim do Tempo”**

1. Liturgia de Cristal

2. Vocaliso para o Anjo

que anuncia o Fim do Tempo

3. Abismo dos Pássaros

4. Interlúdio

5. Louvor à Eternidade de Jesus

5. Dança da Fúria para os Sete Trompetes

6. Confusão de arcos-íris,

para o Anjo que anuncia o Fim do Tempo

7. Louvor à Imortalidade de Jesus

Olivier Messiaen (1908-92) foi um dos maiores criadores musicais do século XX, além de distinto pedagogo e organista.

Aos 31 anos, na sequência da invasão alemã da França, Messiaen é feito prisioneiro e levado para um campo de prisioneiros na Silésia Ocidental, junto a Görlitz/Zgorzelec. Num campo de trânsito, em Toul, conhece o clarinetista argelino de origem judia (sobreviverá à guerra) Henri Akoka e para ele escreve um solo de clarinete que será o ‘Abîme des oiseaux’ (v. 3.º andamento). Quando ambos chegam ao campo, conhecem outros dois músicos: o violoncelista Étienne Pasquier e o violinista Jean Le Boulair (pseudónimo de Jean Lanier, que fará carreira como actor). Estas amizades musicais em tempos sombrios serão a base da ideia de compôr o ‘Quarteto’.

Ajudado pelo oficial alemão Carl-Albert Brüll, de formação humanista e “complacente” ante a música, Messiaen obtém lápis e papel de música e um barracão isolado só para compor. No processo de criação, recupera uma obra de 1937 e outra de 1930 (base dos andamentos 5 e 8) e compõe ‘ex novum’ os andamentos para quarteto da obra (nos. 1, 2, 6 e 7), bem como o ‘Intermède’ (n.º 4) para trio (sem piano).

O resultado será este Quarteto, cujo título (bem como os andamentos 2, 6 e 7) remete para o capítulo 10 do Livro do Apocalipse. Ele é dado a ouvir numa frígida noite de Janeiro de 1941, num barracão transformado em sala de concertos, com os militares alemães nas filas dianteiras e algumas centenas de prisioneiros preenchendo o resto da assistência.

Entretanto libertados, Olivier e Étienne participarão na estreia parisiense da obra, a 24 de Junho de 1941, no Théâtre des Mathurins. A obra será editada em Maio do ano seguinte, por Durand, aí com um prefácio, no qual Messiaen explica os aspectos inovadores da sua linguagem rítmica. E ‘inovadores’

em quê? Pois bem, na proposta que fazem de uma rítmica libertada da métrica e da periodicidade. Música de tempo libertado, dir-se-ia. Uma alegoria (por antítese) da realidade que viviam?

Certo é que o ‘Quarteto’ cedo alcançou o estatuto de clássico, ou seja, de obra intemporal. E o campo de prisioneiros onde nasceu é desde 2014 um Centro de Educação para a Arte, chamado Meeting Point Music Messiaen. Em Zgorzelec o tempo não terminou, mas regressou sublimado pela reconciliação e redimido pela arte.

De Schubert, escutamos o ‘Notturmo’ para trio com piano, obra de 1827 que poderá estar relacionada com a composição dos dois magníficos Trios com piano (D898 e D929) do compositor, que lhe são coevos. Note-se nela a recorrência que instaura uma temporalidade circular, a-teleológica.

A **Primeira Rapsódia** (de 1910) foi encomendada a Debussy para integrar as provas do Conservatório de Paris e dedicada a Prospère Mimart, ali docente de clarinete, que a estreou a 16/1/1911. Bem além do propósito “escolar” – e as potencialidades e várias “personalidades” do clarinete são nela extensivamente exploradas –, esta peça vale pelas qualidades estritamente musicais que exhibe, já que todos os parâmetros pedagógicos são “envoltos” numa linguagem melódica, rítmica e harmónica tipicamente “debussyana”.

**Bernardo Mariano**

*Musicólogo*

*Escola Superior de Artes*

*Aplicadas do Instituto*

*Politécnico de Castelo Branco*

24 de novembro de 2020

Mosteiro de São Bento da Vitória, Porto

DIA NACIONAL DA  
CULTURA CIENTÍFICA

**“Vivaldi e Mozart: O Tempo das Estações”**

Liza Ferschtman Violino e direção musical

Ensemble Festival Verão Clássico

Charlotte Chahuneau Violino

Inês Bastos Violino

Mathis Rochat Viola

João Valpaços Violoncelo

Rui Pedro Rodrigues Contrabaixo

Wouter Valvekens Cravo

Prelúdio Científico: **“O Tempo na Biodiversidade”**

Sara Magalhães cE3c | Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

**Programa**

Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791):

“Eine kleine Nachtmusik”, Serenata N.º 13 K 525

(Pequena Música Noturna)

1. Allegro

2. Romanze – Andante

3. Menuetto – Allegretto

4. Rondo – Allegro

António Vivaldi (1678–1741): “As Quatro Estações”

Concerto N.º 1, “A Primavera”, RV 269

1. Allegro / 2. Largo / 3. Allegro

Concerto N.º 2, “O Verão”, RV 315

1. Allegro non molto / 2. Adagio – Presto / 3. Presto

Concerto N.º 3, “O Outono”, RV 293

1. Allegro / 2. Adagio – Presto / 3. Allegro

Concerto N.º 4, “O Inverno”, RV 297

1. Allegro / 2. Adagio – Presto / 3. Allegro

Que melhor exemplo da nossa percepção da passagem do tempo que a sucessão das estações do ano? Vários compositores trataram o tema, mas sem dúvida que Vivaldi (1678–1741) leva a palma entre os tratamentos mais famosos do tema.

Musicalmente, ‘As Quatro Estações’ são quatro concertos para cordas e cravo/órgão com um ‘violino principale’, assim o designa Vivaldi, ou seja, um violino concertante e dotado de solos. Os quatro concertos organizam-se todos em 3 andamentos, na ordem rápido-lento-rápido tal como consagrada pelo próprio Vivaldi.

Menos conhecido é que o compositor escreveu quatro sonetos, um para cada estação, e foi distribuindo os versos ao longo da partitura como didascálias para os intérpretes, isto é: ajudas descritivas do que a música pretende expressar em cada passagem específica.

É sobre este recurso, inesperado num ‘poeta dos sons’, que nos iremos deter:

Primavera – os andamentos 1 e 2 são a pintura sonora de um ‘locus amoenus’. Já o 3.º é uma dança de ninfas e pastores.

Verão – os andamentos 1 e 2 descrevem o langor e dormência do calor estival, mas vai-se insinuando o rumor de uma tempestade, que explode no 3.º andamento, com trovões, relâmpagos e até granizo.

Outono – a abundância das colheitas celebrada com canto e dança, mas depressa os camponeses ficam embriagados e adormecem sob a matizada luz e calidez outonais. O 3.º andamento descreve o caçador que sai para a floresta logo pela alba e a perseguição que faz a um animal até este soçobrar.

Inverno – início com uma paisagem gelada, em que se ‘bate os pés e os dentes’. O andamento lento é o aconchego da casa quente em contraste com o exterior. No 3.º, por fim, os aldeões vão gozar o gelo sólido, mas – cuidado! – que aqui e ali já ele está. No fim, o vento siroco anuncia Março e a

Primavera (‘che gioia apporte’, escreve Vivaldi no último verso) que regressa.

Da década de 80 é a obra de Mozart, quiçá a sua mais universalmente reconhecida, de que não se sabe por que nem para quem foi escrita. O género ‘serenata’ era em 1787 e em Viena já uma relíquia de um tempo passado – para Mozart, o tempo da sua juventude em Salzburgo, ao serviço dos príncipes-arcebispos da cidade. Numa vida curta e acelerada como a de Mozart, num cérebro frenético como certamente era o dele, que percepção teria da passagem do tempo esse homem então de 30 anos? Que razão teria ele, no Verão de 1787, em Viena, ocupado a escrever o ‘Don Giovanni’, para compôr uma obra “descabida” e deslocada na grande cidade imperial?

‘Eine kleine Nachtmusik’, assim a notou Mozart no seu catálogo pessoal de obras. ‘Kleine’ quiçá por ser bem mais modesta, quando comparada com as grandes serenatas dos anos de Salzburgo, como a ‘Haffner’ ou a ‘Posthorn’.

Porque não então ver nela uma homenagem-despedida, a do seu pai, Leopold, falecido no final de Maio desse ano, toda a vida fiel a Salzburgo? E a respeito da escolha das cordas como insólito ‘medium’ sonoro para uma obra destas características (em vez do então bem mais na moda ensemble de sopros): não poderá também aí estar a ‘sombra’ de Leopold, violinista toda a vida e reputado pedagogo do violino?...

Mozart, portanto, lidando com as suas memórias espaciais e afectivas?

**Bernardo Mariano**

Musicólogo

Escola Superior de Artes

Aplicadas do Instituto

Politécnico de Castelo Branco



CICLO DE CONCERTOS COM  
PRELÚDIOS CIENTÍFICOS



RITA CARMO



RUI MOREIRA



MARCO BORGREVE



VERÃO  
CLÁSSICO  
ENSEMBLE FESTIVAL



NEDA NAVAE





Considerado um dos grandes pianistas europeus da sua geração, Filipe Pinto-Ribeiro é reconhecido pela sua sensibilidade poética, inteligência musical e criatividade artística.

Nasceu no Porto e, após estudos em diversos países, doutorou-se com as mais elevadas classificações no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo.

Desenvolve uma intensa atividade solística e camerística, abrangendo um vasto repertório que se estende do Barroco até aos nossos dias. Fez a estreia de obras de compositores como Dmitri Shostakovich, Sofia Gubaidulina, Eurico Carrapatoso, Marcelo Nisinman e Luís Tinoco.

É frequentemente convidado como solista pelas principais orquestras portuguesas e de vários países, como Rússia, Espanha, Cuba, Eslováquia, Arménia ou Bélgica, tendo colaborado com os maestros John Nelson, Emilio Pomarico, Charles Olivieri-Munroe, Boguslaw Dawidow, Rengim Gökmen, Daniel Smith, Marc Tardue, Misha Rachlevsky, Christoph Poppen, Dmitri Liss e Mikhail Agrest, entre outros.

Apaixonado pela música de câmara, tem-se apresentado em parceria com alguns dos maiores nomes do panorama internacional como Gary Hoffman, Pascal Moraguès, Mihaela Martin, Janne Saksala, Corey Cerovsek, José van Dam, Tedi Papavrami, Renaud Capuçon, Adrian Brendel, Benjamin Schmid, Gérard Caussé, Michel Portal, Emily Beynon, Jack Liebeck, Christian Poltéra, Isabel Charisius, Radek Baborák, Eldar Nebolsin, Ramón Ortega, Lars Anders Tomter, Anna Samuil e Frans Helmerson.

Filipe Pinto-Ribeiro é fundador (2006) e diretor artístico do DSCH - Schostakovich Ensemble, um agrupamento musical de geometria variável, sediado em Lisboa, que constitui uma plataforma de encontro e interação de músicos de excelência no panorama internacional. 2018 marcou o início da discografia do Schostakovich Ensemble, com a multipremiada gravação da Integral da Música de Câmara para

## Filipe Pinto-Ribeiro Piano e direção artística



Piano e Cordas de Dmitri Schostakovich e no final 2020 sairá o segundo álbum com obras de Beethoven.

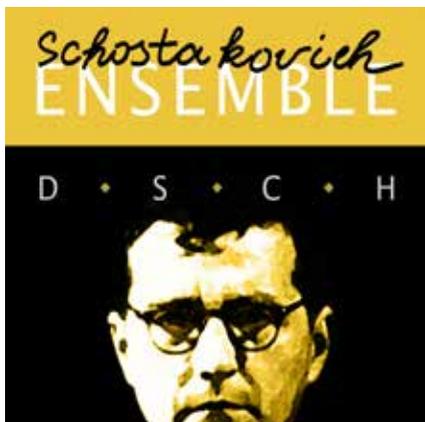
Gravou diversos CD a solo que obtiveram excelente recetividade por parte do público e da crítica musical, incluindo obras de Bach, Scarlatti, Seixas, Beethoven, Wagner, Tchaikovsky, Mussorgsky, Piazzolla, Carrapatoso, Debussy, Ravel, Scriabin, Schostakovich e Prokofiev. Gravou ainda um CD em duo com a pianista Rosa Maria Barrantes, incluindo obras de Fauré, Satie, Debussy, Poulenc e Ravel.

É frequentemente solicitado como diretor artístico para várias iniciativas, destacando-se o Festival e Academia “Verão Clássico”, que fundou em 2015 e que apresenta anualmente concertos e masterclasses com a participação de músicos solistas e professores de excelência internacional.

Para além da sua intensa atividade concertística, foi Professor de Piano durante uma década em algumas universidades portuguesas e orienta frequentemente masterclasses, em Portugal e no estrangeiro.

Filipe Pinto-Ribeiro é Steinway Artist, distinção que recebeu em 2014 da Steinway & Sons.

## DSCH Schostakovich Ensemble



O DSCH - Schostakovich Ensemble é um projeto português de âmbito internacional, sediado em Lisboa desde a sua fundação em 2006, sob a direção artística do pianista Filipe Pinto-Ribeiro.

Agrupamento musical de geometria variável, o Schostakovich Ensemble constitui uma plataforma de encontro e interação de músicos de excelência no panorama internacional, mestres nos seus instrumentos, animados pelo prazer de fazer música de câmara e por uma profunda cumplicidade artística.

Foi criado em 2006, ano do centenário do nascimento do compositor Dmitri Schostakovich, a quem deve o nome.

O vasto repertório do Schostakovich Ensemble integra obras de compositores de

diversas épocas e estilos musicais, de Bach a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, de Beethoven a Dvořák, incluindo contemporâneos, como Sofia Gubaidulina, com a qual o Ensemble estabeleceu uma estreita colaboração.

Ao longo dos seus 15 anos de existência, o Schostakovich Ensemble apresentou concertos de norte a sul de Portugal e em países de vários continentes e tem contado com a participação, entre outros, dos violinistas Corey Cerovsek, Renaud Capuçon, Benjamin Schmid, Jack Liebeck, Tedi Papavrami, Isabel Charisius, Gérard Caussé, Adrian Brendel, Christian Poltéra, Gary Hoffman, Kyril Zlotnikov, Tiago Pinto-Ribeiro, Emily Beynon, Ramón Ortega Quero, Pascal Moraguès, Michel Portal, Marcelo Nisinman, José van Dam, Anna Samuil, Rosa Maria Barrantes, Eldar Nebolsin e Filipe Pinto-Ribeiro.

Em 2019, o Ensemble atribui ao compositor Luís Tinoco, na sua primeira edição, o Prémio de Composição DSCH - Schostakovich Ensemble, de periodicidade bienal.

Desde 2006, alguns dos concertos do Schostakovich Ensemble foram gravados e transmitidos pela RTP Antena 2 e pelo canal de televisão francês Mezzo.

2018 marcou o início da discografia do Schostakovich Ensemble, com a primeira gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Dmitri Schostakovich. O duplo álbum, com a chancela da editora francesa Paraty e a distribuição mundial da Harmonia Mundi PIAS, recebeu as mais elevadas distinções da crítica especializada - 5 Diapasons, Opus D'Or, máximas classificações da revista alemã Das Orchester, da revista holandesa Luister, da revista belga Crescendo e da Kulturradio Radio Berlin-Brandenburg, Melhor do ano 2018 Jornal Público, Álbum do ano 2018 Classiquenews - e excelentes críticas de órgãos de comunicação de referência, como as revistas Gramophone e Scherzo, o jornal Guardian, entre outros.

No final de 2020, será lançado o segundo álbum do DSCH - Schostakovich Ensemble, dedicado à música de Ludwig van Beethoven, no ano em que se comemoram os 250 anos do seu nascimento.

## Liza Ferschtman Violino



Reconhecida pela sua forte e versátil personalidade musical que combina um dinamismo poderoso com um lirismo intenso, Liza Ferschtman tem sido elogiada na imprensa musical internacional, com o The New York Times a descrevê-la como “nada menos que reveladora” e referindo-se à “intensidade de laser, pureza e beleza refinada da sua forma de tocar”, enquanto o The Guardian elogiou a sua “personalidade musical vivaz” e “adorável qualidade lírica”.

Desde que ganhou o Dutch Music Award, o prémio mais importante para músicos holandeses, em 2006, Liza apareceu como solista com muitas das melhores orquestras do mundo, incluindo a Real Orquestra Concertgebouw de Amesterdão, as Filarmónicas de Londres, Varsóvia e Bruxelas, as Sinfónicas de Boston e Dallas, a Orquestra Festival Budapest, colaborando com maestros como Jaap van Zweden, Iván Fischer, Stéphane Denève, Jacek Kasprzyk, Jun Märkl, Frans Brüggen, Neeme Järvi, Otto Tausberg, Dmitry Sitkovetsky e Thomas Søndård.

Liza Ferschtman também é uma apaixonada pela música de câmara e é convidada assídua de festivais e salas de concertos em todo o mundo; desde 2007, é diretora artística do Festival de Música de Câmara de Delft. Os seus parceiros habituais de música de

câmara incluem Elisabeth Leonskaja, Jonathan Biss, Alisa Weilerstein, Christian Poltéra, Julius Drake, Martin Roscoe, Nobuko Imai, Lars Anders Tomter, Marie Luise Neunecker, Sharon Kam e Amihai Grosz.

Liza Ferschtman tem uma discografia impressionante. Os seus CD para a editora Challenge Classics incluem os Concertos para violino de Beethoven, Dvořák, Mendelssohn, Korngold e Bernstein (Serenata). Também gravou música de câmara em CD, incluindo o Octeto de Mendelssohn, obras de Schubert e Beethoven acompanhada pelo pianista Inon Barnatan e os duos de Kodály, Ravel e Schulhoff com seu pai, o violoncelista Dmitri Ferschtman. O seu mais recente CD com a Serenata de Bernstein e o Concerto de Korngold recebeu amplos elogios da crítica, incluindo cinco estrelas no Fono Forum e “Álbum do mês” no Die Welt. O seu CD anterior, com obras para violino solo de Bach e Ysaÿe foi escolhido como ‘CD do mês’ pela revista The Strad. Filha de músicos judeus russos proeminentes, Liza cresceu num ambiente musical e, enquanto criança, começou logo a tocar violino com aulas do lendário violinista e amigo da família, Philip Hirschhorn. Depois da sua morte, Liza estudou com Herman Krebbers, com Ida Kavafian, no célebre Curtis Institute of Music em Filadélfia, e com David Takeno, em Londres.

## Pascal Moraguès Clarinete



Pascal Moraguès é considerado um dos mais relevantes clarinetistas da atualidade.

1.º Clarinete Solo da Orquestra de Paris desde 1981, Pascal Moraguès é Professor no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, na Escola Superior de Música de Lausanne e na Escola Superior de Música Reina Sofia de Madrid.

Ao longo da sua carreira como solista, colaborou com maestros de renome, incluindo Daniel Barenboim (que o convidou para ser, aos 18 anos, o 1.º Clarinete Solo da Orquestra de Paris), Pierre Boulez, Semyon Bychkov, Carlo-Maria Giulini, Zubin Metha, Emmanuel Krivine, Franz Brüggen, Louis Langrée e Stephan Sanderling.

É membro do Quinteto Moraguès, do DSCH – Schostakovich Ensemble, do Mullova Ensemble, do Katia and Marielle Labèque Ensemble e é regularmente convidado como clarinete solista pela Orquestra de Câmara da Europa. No domínio da música de câmara, tocou com Sviatoslav Richter, Christian Zacharias, Daniel Barenboim, Elena Bashkirova, Christophe Eschenbach, Pascal Rogé, Christian Ivaldi, Brigitte Engerer, Itamar Golan, Stephen Bishop, Oleg Maisenberg, Joseph Kalichstein, Schlomo Mintz, Joshua Bell, Yuri

Bashmet, Gary Hoffman, Nathalia Gutmann e Felicity Lott; com o Trio Guarneri, com os quartetos de cordas Borodine, Sine Nomine, Carmina, Amati, Prazák, Lindsay, Endellion, Jerusalem, Ysaÿe e Parisii.

A sua gravação do Quinteto de Brahms, com o Quarteto de Cordas Talich é hoje reconhecida como uma referência. Pascal Moraguès atua regularmente nas mais prestigiadas salas de concerto internacionais, como o Wigmore Hall de Londres, Musikverein de Viena, Konzerthaus de Berlim, Carnegie Hall de Nova Iorque, Lincoln Center de Washington, Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Châtelet, em Paris.

Apresenta-se com regularidade em concertos no Japão, nos Estados Unidos da América, na Austrália, no Extremo Oriente e na Europa, e orienta frequentemente Masterclasses.

Realizou muitas gravações com grandes músicos como Sviatoslav Richter e Viktoria Mullova e com o Quinteto Moraguès, tendo recebido vários prémios internacionais.

Em 2007, Pascal Moraguès foi nomeado Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras pelo Ministro da Cultura e Comunicação da República Francesa.

## Christian Poltéra Violoncelo



Christian Poltéra nasceu em Zurique. Depois de ser aluno de Nancy Chumachenco e Boris Pergamenschikow, estudou com Heinrich Schiff em Salzburgo e Viena.

Como solista, toca com grandes orquestras, incluindo a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica de Los Angeles, Orquestra Filarmónica de Oslo, Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia de Roma, Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da BBC, Orquestra de Câmara da Europa, sob a direção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons e Sir John Eliot Gardiner.

Também se dedica intensamente à música de câmara, com músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther Hoppe e Ronald Brautigam, e com os Quartetos Auryn e Zehetmair.

Juntamente com Frank Peter Zimmermann e Antoine Tamestit, Christian Poltéra fundou e integra um trio de cordas, o Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiosas salas de concertos e festivais em toda a Europa.

Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi selecionado como Artista da Nova Geração da BBC.

É convidado regular de festivais de renome (como Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena) e estreou-se nos BBC Proms em 2007. A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflecte o seu repertório variado que inclui Concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutoslawski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert.

Christian Poltéra é Professor da Universidade de Lucerna.

Toca um violoncelo Antonio Casini construído em 1675 e o famoso Stradivarius “Mara” de 1711.

## Ensemble Festival Verão Clássico



O Ensemble Festival Verão Clássico é um projeto inovador que consiste numa plataforma de criação e interpretação musical, para jovens músicos portugueses e estrangeiros, e que promove concertos e residências artísticas com a orientação de músicos de referência mundial.

O Ensemble é um projeto do Festival e Academia Verão Clássico que, fundado em 2015, é uma iniciativa artística e pedagógica ímpar em Portugal, elogiada pela imprensa nacional e internacional: “entre o que de melhor se faz no mundo neste domínio” (in Diário de Notícias), “um berço notável de jovens artistas, orientados por experientes solistas” (in Classiquenews), “é como deambular pelas salas de um excelente conservatório e ouvir as estrelas do futuro” (in Sean and Heard International), “acolhe anualmente uma plêiade de jovens intérpretes numa academia ímpar pela sua dinâmica e qualidade que se estende a vários concertos públicos, a que se somam centenas de masterclasses para frutificar na carreira dos jovens intérpretes. Um must no panorama nacional pela excelência dos professores vindos expressamente para o festival.” (in Expresso).

O Festival e Academia Verão Clássico inclui um eixo performativo, com concertos, e um eixo educativo, com masterclasses de vários instrumentos e de música de câmara, orientadas por músicos de excelência: solistas das principais orquestras europeias, como a Orquestra Filarmónica de Berlim, a Orquestra Concertgebouw de Amsterdão, a Orquestra de Paris, a Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, etc; Professores dos principais Conservatórios e Universidades mundiais, como Moscovo, Berlim, Boston, Paris, Londres, Genebra, Colónia, Madrid, Viena, etc.

Muitos músicos e professores da vanguarda do panorama internacional passaram já pelo Verão Clássico, como Gary Hoffman, Imogen Cooper, Pascal Moraguès, Mihaela Martin, Radek Baborák, Emily Beynon, Benjamin Schmid, Frans Helmerson, Silvia Caredu, Adrian Brendel, Ramón Ortega Quero, Jack Liebeck, Matthew McDonald, Marie-Luise Neunecker, Corey Cervovsek, Henri Sigfridsson, Isabel Charisius, Nicholas Daniel, Miguel da Silva, Pavel Nersessian, Veronika Hagen, Kyril Zlotnikov, Gérard Caussé, Eldar Nebolsin e Janne Sakala, entre outros.

Ao longo das 6 edições do Festival e Academia Verão Clássico, foram selecionados mais de 1000 jovens músicos, cerca de metade dos quais portugueses e a outra metade de músicos oriundos de mais de 40 países dos 5 continentes, como Alemanha, EUA, Japão, Rússia, Brasil, Canadá, França, Espanha, Reino Unido, Holanda, Austrália, China, Colômbia, Suécia, Coreia do Sul, Itália, Noruega, Argentina, Bélgica, Sérvia, Eslovénia, Hungria, Venezuela, Áustria, África do Sul, Luxemburgo, Suíça, Ucrânia, Israel, Croácia, China, Roménia, Polónia, Dinamarca e Nova Zelândia.

Em cada edição, são atribuídos os Prémios Verão Clássico que têm uma importante função de estímulo e de reconhecimento do talento e do trabalho realizado e que, consequentemente, proporcionam oportunidades de concertos promovidos pelo Verão Clássico.

O Ensemble Festival Verão Clássico é composto por uma seleção rotativa dos premiados nas várias edições do Verão Clássico. Paralelamente, incentiva o intercâmbio cultural de diversas nacionalidades e promove o desenvolvimento das aptidões e das carreiras dos jovens músicos.

Neste concerto, o Ensemble Festival Verão Clássico é composto pelas violinistas Charlotte Chahuneau e Inês Bastos, pelo violoncelista João Valpaços, pelo violetista Mathis Rochat, pelo contrabaixista Rui Pedro Rodrigues e pelo pianista e cravista Wouter Valvekens, todos eles premiados do Verão Clássico.

### Charlotte Chahuneau Violino

Nasceu em Paris e concluiu o Bacharelato e o Mestrado na Universidade das Artes de Berlim, na classe da professora Laticia Honda-Rosenberg. Foi chefe de naipe da Orquestra de Jovens Gustav Mahler. Apresentou-se em vários festivais de prestígio, como Eggenfelden Klassisch, Rheinvokal Musikfestival, Mainz Musiksommer e Schiermonnikoog. Colabora regularmente com orquestras de topo mundiais, como é o caso da Mahler Chamber Orchestra, da West-Eastern Divan Orchestra e é atualmente membro da Orquestra Staatskapelle de Berlim. Toca num violino Rogeri (1678), cedido pela Fundação Helga Dyckerhoff Kulturstiftung Rheinland-Pfalz.

### Inês Bastos Violino

Nasceu em Aveiro e licenciou-se na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo no Porto, na classe da Professora Zofia Wóycicka. Desde 2017, estudou na Royal Academy of Music, de Londres, na classe do Professor Jack Liebeck, onde concluiu o Mestrado em Violino, em 2019, e o Diploma em Performance, em 2020. Colabora regularmente com orquestras profissionais em Portugal e no Reino Unido. É concertino convidada da Cavatina Orchestra, da Anstieg Symphony Orchestra e do Giovane Ensemble, em Londres. Toca atualmente um violino de Giuseppe Gagliano (Nápoles, 1791), generosamente cedido pela Royal Academy of Music.

### João Valpaços Violoncelo

Nasceu em Carrzedeo de Montenegro, Chaves, e estudou na Escola Profissional de Arte de Mirandela. Diplomou-se na Escola Superior de Artes de Utrecht, na classe do Professor Ran Varon, e, em 2019, finalizou o Mestrado em Performance na classe dos Professores Jeroen den Herder e Dmitry Ferschtman, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi violoncelo solo em várias orquestras, em Portugal e nos Países Baixos, e atua frequentemente com a Orquestra XXI e com a Orquestra Gulbenkian.

### Mathis Rochat Viola

Nasceu em Genebra e estudou na Escola Superior de Música de Colónia, na classe do Professor Antoine Tamestit. Licenciou-se na Escola Superior de Música Felix Bartholdy Mendelssohn de Leipzig, na classe da Professora Tatjana Masurenko. Desde 2019, estuda na Capela Musical Rainha Elisabete, na Bélgica, e na Academia Barenboim Said, em Berlim. No âmbito da música de câmara, apresentou-se em festivais e temporadas de concertos na Europa, China e América do Sul. Tocou como solista com diversas orquestras, como Norddeutsche Philharmonie e Da Capo Ensemble. Toca numa viola de Pierre Vidoudez (1949).

### Rui Pedro Rodrigues Contrabaixo

Nasceu em Braga e estudou na Escola Profissional de Música de Espinho, na classe do Professor Tiago Pinto-Ribeiro. Licenciou-se na Escola Superior de Música de Berlim “Hanns Eisler”, na classe do professor Matthew McDonald. Foi contrabaixo solo da Orquestra de Jovens da União Europeia e da Orquestra de Jovens Gustav Mahler. Foi ainda contrabaixista convidado da Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim e da Orquestra do Festival de Budapeste. Atualmente, é contrabaixo solo da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

### Wouter Valvekens Cravo

Nasceu em Antuérpia, na Bélgica, e licenciou-se e no Conservatório Real de Antuérpia, na classe da Professora Polina Leschenko. Entre 2018 e 2020, estudou com o Professor Ian Fountain na Royal Academy of Music, em Londres, onde completou o Mestrado. Como solista, tocou com a Orquestra de Câmara de Mechelen, Orquestra de Jovens Euregio e a St. John's Chamber Orchestra de Maidenhead, entre outras. É membro fundador do Trio Aries e do Werther Piano Quartet, com o apoio da Mozart Gesellschaft Dortmund.

## Álvaro Garrido



Álvaro Garrido é Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e seu atual Diretor. Licenciado e Mestre em História, doutorou-se em História Económica e Social na Universidade de Coimbra.

Investigador integrado do CEIS20, tem uma vasta obra publicada sobre temas de história da economia e das instituições, com contributos internacionais na história das pescas marítimas, história dos corporativismos e da economia social. As suas publicações encontram-se reunidas em livros, artigos científicos e capítulos de livros e textos de catálogos. Foi professor visitantes em diversas universidades estrangeiras e é membro de várias sociedades científicas e redes internacionais de pesquisa. É autor de documentários para televisão e de diversos projectos de comunicação de ciência e cultura para públicos amplos.

Entre 2003 e 2009 foi Director do Museu Marítimo de Ílhavo.

Recentemente publicou os seguintes livros: *As Pescas em Portugal* (Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2018); *Queremos uma Economia Nova! Estado Novo e Corporativismo* (EDIPUCRS, Porto Alegre, 2018); *A Economia Social em Movimento. Uma História das Organizações* (Tinta da China, 2018); *Too Valuable to be Lost: Overfishing in the North Atlantic since 1880* (De Gruyter, Berlim, 2020, com David Starkey); *Il Portogallo di Salazar. Política, Società, Economia* (Bologna University Press, 2020, com Fernando Rosas).

## Sara Magalhães



Sara Magalhães é Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde lidera o grupo de Ecologia Evolutiva do Centro para a Ecologia, Evolução e Alterações Climáticas (cE3c), do qual fez parte da direção. Doutorou-se pela Universidade de Amsterdão em 2004 e mantém desde então uma vasta rede de colaboradores nacionais e internacionais.

A sua investigação incide sobre a ecologia e evolução de ácaros herbívoros, importantes pragas de cultura. Estuda a adaptação dos ácaros às suas plantas hospedeiras, e de que forma estes interagem com indivíduos da mesma e de outras espécies. Liderou vários projetos internacionais, incluindo um financiado pelo European Research Council.

Orientou mais de 40 estudantes de mestrado, de doutoramento e pós-doutorados, com quem tem publicado vários artigos em prestigiosas revistas científicas. Foi presidente da Sociedade Portuguesa de Biologia Evolutiva (2015-2018) e é atualmente vice-presidente da Sociedade Europeia de Biologia Evolutiva. Recentemente, iniciou o projeto Caravana Agroecológica, uma série de iniciativas relacionadas com a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, com o propósito de juntar ciência, produtores e consumidores.

## Vítor Cardoso



Vítor Cardoso é Físico Teórico e Professor Catedrático no Departamento de Física do Instituto Superior Técnico, onde lidera o Grupo de Gravitação (GRIT) do CENTRA.

Os seus interesses de investigação incidem sobre astrofísica e gravitação, em particular a física do espaço-tempo curvos, ondas gravitacionais e buracos negros.

É autor de um livro e de cerca de 200 artigos publicados em revistas internacionais.

A sua investigação foi distinguida duas vezes pelo European Research Council.

Em 2015 foi agraciado pelo Presidente da República com a Ordem de Santiago D'Espada, pelas suas contribuições para a ciência.

Neste momento, é líder do GWverse, um consórcio internacional de mais de 30 países e centenas de cientistas, que se dedica ao estudo de ondas gravitacionais e buracos negros.

É membro fundador da Sociedade Portuguesa de Relatividade e Gravitação.



25

Ciência é rigor.

25 ANOS  
A PROMOVER  
CONHECIMENTO  
1995-2020